

MISSA DAS DEZ EM S.MARTINHO

FERNANDO MORAIS GOMES

Desde criança Roberto se habituara àquelas rotinas domingueiras: a missa das 10 em S. Martinho, com a avó Sara, a catequese com o padre Mateus, nariz de gavião, sempre a ameaçar com o Inferno, o pecado de brincar nas aulas de Moral, desfilara até de anjinho numa procissão, enfiado num fato de cetim com asas brancas que a Ermelinda cosera. Com os anos, afastara-se da igreja, apenas revisitada para casamentos e funerais. Era como voltar a um sítio estranho, desconhecedor da liturgia moderna, embora fascinado pelos vitrais e pela talha dourada, nisso se revia, mais pela mão do homem que pelos totens que os artefactos significavam.

Passados os quarenta, e já separado de Matilde, voltou a passar o Natal com a mãe, em Sintra. Devota, D. Idalina não dispensou a missa matinal em S. Martinho, no dia seguinte ao Natal, e a custo para ela arrastou Roberto e o pequeno Fábio. Rendido ao espírito da data, Roberto lá se deixou levar, mal não faria, o prazer dum momento com as três gerações, normalmente separadas, levou-o a ceder, se bem que aguardasse sentado numa cadeira do fundo, contemplando os santos e absorvendo o cheiro a flores.

Na sacristia, a velha Almerinda trocava as jarras e ia acendendo as velas antes da missa, num ritual de anos, desde que enviudara. Roberto deixou-se a contemplar o ritual dos preparativos, na Expo, onde morava, nada disto havia já, o silêncio da igreja tranquilizou-o, logo interrompido pela necessidade de fumar um cigarro. Tardando a missa, e deixando avó e neto sentados, saiu a ver as vistas, quando vislumbrou o Gregório, velho colega do liceu. Há muito o não via e correu a abraçá-lo, recordando os anos de ambos nos juniores do Sintrense:

-Gregório! Então, pá? Há quantos anos! Estás na mesma, velho amigo! Essa barriguinha é que...- Roberto ficou feliz de o rever, já pelos quarenta, também, há anos não se encontravam. Soube que tinha ido para Filosofia, ele seguira Económicas, mas acabara jornalista, em Lisboa. Com o filho viera passar o Natal, para o miúdo estar com a avó, o pai falecera há poucos meses e sentiu-se na obrigação de passar a quadra com a mãe e o filho.

-Venham de lá esses ossos, grande Roberto! -o Gregório, com uma cara abolachada e óculos de massa, abraçou o amigo, uma barba rala e esbranquiçada era a principal diferença que lhe notava, de resto estava igual, com aquele ar engatado que levava à certa as miúdas de Sintra nos bons anos noventa - Vais à missa? -questionou o Gregório, vendo-o à entrada de S. Martinho.

-Que remédio!. A minha mãe teimou, e sabes, com a idade, é melhor fazer-lhe a vontade. Para mais está com o neto. Eu, igrejas, é como o diabo da cruz. Vim para aqui fumar um cigarro...

Gregório sorriu, insistindo com o amigo:

-Deixaste de acreditar em Deus, Roberto? Tu, que eras o anjinho favorito do padre Mateus? - Gregório provocou o amigo, que dava uma passa no cigarro quase terminado. Roberto teorizou:

-Nunca leste o Christopher Hitchens? Escreveu aquele livro "Deus não é grande - como as religiões envenenam tudo". O gajo descrevia-se como um crente nos valores do iluminismo, e achava que o conceito de Deus ou de um ser supremo é uma crença totalitária que destrói a liberdade individual. Só a livre expressão e a investigação científica deveriam substituir a religião como um meio de ensinar ética e definir a civilização humana. Estou como ele!

Gregório fez uma pausa, e pondo a mão no ombro do amigo retorquiu:

-Sabes, Roberto, é mais fácil meter Deus debaixo do tapete que eliminá-lo para sempre. Porque, agnósticos, ateus ou meramente revoltados, todos somos capturados pela ideia de Deus desde que nascemos, e quando achamos que o podemos tratar por tu, já ele nos moldou o ser e o comportamento, desde quando ainda nem disso tínhamos noção. Assim, negar Deus é sempre uma atitude reactiva, nunca pró-ativa. Não se discute Deus, nega-se ou venera-se, e esse tipo de atitude é sempre irracional. Daí que o ateísmo nunca possa ser científico, mas apenas uma corrente de negação, uma moda, se quiseres.

-Pessoalmente, meu velho, a minha postura é: não acredito em Deus!. E o bosão de Higgs acabará por o "matar", enquanto chave do universo. Contudo, uma coisa é certa: acredito nos que acreditam. O homem é um ser de crenças. É aliás o único animal que distingue a água da água benta, como alguém um dia escreveu. Muitos dos que buscam respostas para as inseguranças, refugiam-se em algo a que chamam fé, e quando os seus desejos por conjugação de factores inesperados ocorrem, chamam a isso milagres. Acontece o mesmo nas ortodoxias comunistas, com outros santos, altares e sacerdotes. Vê lá a Coreia do Norte! O Freud já explicou isso tudo!

Gregório sorriu, indulgente. Com o sino da torre da Vila a dar as dez, olhou o relógio e apressou-se, combinando com Roberto voltarem a ver-se em breve e deixando um comentário final:

-Será negativo acreditar e ter fé? Quando a fé contribuir para acentuar valores como os da liberdade, livre arbítrio e solidariedade, nada a apontar. É certo que em seu nome se matou e destruiu, em nome de fanatismos a que se chamou fé, e intolerâncias a que se chamou conversão. Há muita floresta para lá de certas árvores, meu velho. Dá um beijo à tua mãe e ao teu filho! Se calhar ainda os vou ver por aí...

Voltando para a porta da igreja, já repleta lá dentro, a missa estava prestes a começar, Fábio, compenetrado e em silêncio, sentava-se na fila da frente com a avó. Terminando o cigarro, Roberto deixou-se estar à entrada, em pé, mirando aquele cenário e cheiro que até aos catorze lhe havia sido familiar. Disparando, a música do órgão precedeu o início da missa e todos em pé saudaram a entrada dos celebrantes. Curioso, Roberto espreitou, a ver se o padre Mateus ainda estava na mesma, vindos da sacristia, nenhum dos três vultos se parecia com ele. Aproximou-se um pouco e atrás dumas vestes brancas, com uma sobrepeliz verde, reconheceu o Gregório. O velho amigo com quem palestrara momentos antes, era afinal o pároco de S. Martinho. Aproximando-se das filas do meio, sorriu para o antigo companheiro, que, abrindo os braços e dando início à missa, lhe piscou o olho, cúmplice, como quando marcavam golos no velho campo do Sintrense:

-O Senhor esteja convosco! -saudou o padre Gregório.

-Ele está no meio de nós! -respondeu a assembleia, em coro, acompanhada por Roberto, sussurrando. Uma missa de vez em quando não faria mal, por certo.